

ANÁLISES & PERSPECTIVAS

ANA

Setores que tendem a puxar o PIB



Maria Clara R. M. do Prado

Depois do passo do governo no rumo da redução dos juros, passa a ser relevante saber de onde virá o crescimento econômico.

A resposta não é difícil. Espera-se que venha das exportações e dos investimentos.

É com isso, aliás, que a área econômica trabalha desde a máxidesvalorização do real. Mas que setores especificamente tendem a puxar a economia brasileira nos próximos cinco anos, até o final de 2004?

O exercício é ainda raro no meio acadêmico, mas o tema começa a ser explorado.

Os economistas Juarez Rizzieri e Eduardo Haddad, da Fipe/USP, montaram um modelo de projeção setorial para os próximos anos, considerando hipóteses para indicadores macroeconômicos em linha com a atual política macroeconômica (ver tabela).

O PIB crescerá à taxa média anual de 3,76%. A taxa de formação bruta de capital chegaria a 24,5% do PIB em 2004, com a

taxa de consumo caindo do atual nível de 80,1% do PIB para 75,5% do PIB em cinco anos. Fica claro que a Fipe trabalhou com a hipótese de que a massa salarial não terá aumento real expressivo. Até 2004 prevê que o salário médio real não cresça além da média de 0,2% a 0,3% ao ano.

Isso tem uma explicação.

“Estamos supondo ganho de produtividade moderado daqui para a frente, e isso faz com que o crescimento não se traduza em remuneração mais favorável”, diz Haddad, formado em economia pela UFMG, com doutorado em Illinois e pós-doutoramento em Oxford.

Se confirmado, ajuda o governo a operar por um tempo a queda dos juros sem pressionar a inflação.

Boa parte da queda traçada para a taxa de consumo se justifica pelo redução esperada de gastos do governo.

Para o câmbio, projetam pequenos movimentos de apreciação a partir de 2001

(com apreciação em 2003) em cima de uma taxa média de R\$ 1,858 para o ano 2000.

No front externo a dupla considerou o cenário otimista do FMI. Prevê crescimento médio de 4% da economia mundial, liderado pelos países em desenvolvimento.

Seria para essa parte do mundo que as exportações brasileiras tenderiam a crescer.

Com base nesses cenários e hipóteses, os resultados do modelo de projeção setorial mostram que o setor industrial será o grande responsável pelo crescimento econômico.

Vão puxar o PIB dois grandes grupos:

1) aqueles com potencial de exportação, ou seja, os de maior penetração nos mercados dos países em desenvolvimento. Estão

na lista a indústria do açúcar, da borracha, do papel e celulose, a indústria gráfica, os calçados e artigos de couro e peles, veículos, peças e acessórios, serrarias e artigos de madeira, além de mobiliário e produtos metalúrgicos.

2) os setores produtores de bens de capital ou ligados a esses segmentos. Aqui a lista abrange a fabricação de manutenção de máquinas e tratores, os aparelhos e equipamentos eletroeletrônicos, os produtos da siderurgia e o setor da construção civil, que cresce no rastro dos investimentos.

O modelo da Fipe fez projeções até 2004, consideran-

do o observado setorialmente no período de 1992 a 1998.

Setores tradicionais tendem a crescer abaixo da média. É o caso da indústria de café, dos óleos vegetais e gorduras para alimentação, outras indústrias alimentares e de bebidas e do fumo.

O setor de comunicações, transcorrida a privatização e o grosso dos novos investimentos, deve expandir-se daqui por diante a taxas menores.

As projeções informam também sobre a substituição das importações.

Nota-se que isso foi mais forte em 1999 pelo impacto da desvalorização do real, e mesmo assim não foi abrangente. O setor mais atingido é o turismo. O dólar mais caro desviou as viagens internacionais para o turismo interno.

A recente queda dos juros não chegou a ser apropriada pelo trabalho de Rizzieri e Haddad. O novo fato tende a impulsionar as taxas de investimento acima das previsões para 2000 e 2001 apresentadas na tabela. ■

E-mail: mprado@gazetamercantil.com.br

(Esta coluna sai todas as terças, quintas e sextas-feiras)

Cenário						
macroeconômico 2000/2004 (taxas anuais)						
	2000	2001	2002	2003	2004	Média
PIB	3,44	3,50	3,50	4,35	4,00	3,76
Emprego	3,15	2,83	2,26	4,12	2,46	2,96
Preços ao consumidor	6,50	4,50	3,00	3,50	3,00	4,10
Termos de troca	-4,19	9,62	4,32	2,63	3,25	3,03
Taxa de câmbio*	10,66	-1,25	-1,33	1,13	-1,12	1,52
Volume das exportações	10,63	8,57	6,08	5,90	5,79	7,53
Volume das importações	0,80	6,15	6,51	5,83	5,63	4,96
Consumo/PIB (%)	80,1	78,8	77,6	76,2	75,5	77,6
Investimento/PIB (%)	20,6	21,2	22,3	23,8	24,5	22,5
Taxas reais de juros	12,5	10,2	8,4	7,5	7,0	9,2

Fontes: Fipe e Gazeta Mercantil

*Câmbio = PPC menos termos de troca

**Projeção anterior à fixação da taxa Selic em 17,5% ao ano

Obs.: preços ao consumidor consideram a variação do IPCA, Termos de troca = preço de exportação dividido pelo preço de importação